

O ensino de Pré-história para os alunos da EJA: uma visão prática

Maria Cláudia de Almeida Rocha*

A oferta de ensino de qualidade em todas as instituições que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos constitui necessidade urgente em função do respeito que merecem as pessoas que buscam a escola para retomar sua trajetória de aprendizagem, muitas vezes motivada pela demanda crescente de um nível de escolaridade cada vez maior para a inserção no mercado de trabalho, e na própria sociedade.

A Educação de Jovens e Adultos significa um novo começo sob uma alternativa que vem acompanhada de garantias legais. Desde a Constituição de 1988, ela se tornou um direito de todos os que não tiveram acesso à escolaridade e daqueles que não puderam completá-lo. Assim, a lei buscou reparar esse vazio, dando ao indivíduo o seu direito à educação escolar.

Porém, no seu contexto funcional, a sala de aula da EJA é um desafio em diversas circunstâncias, desde a formação do professor, até as deficiências encontradas para se manter a relação ensino-aprendizagem. No caso do docente, seria necessário que esse profissional fosse formado adequadamente e, de preferência, com um currículo apropriado para a EJA, pois como membro atuante do processo pedagógico, trabalha na construção dos aspectos quantitativos e, principalmente, qualitativos do espaço escolar.

Tendo em vista essa modalidade da educação brasileira e sua realidade, bem como o fato de que esta é pouco abordada nos cursos de licenciatura, o Projeto Prolicen *O dito e o real no conhecimento da pré-história*, desenvolvido no Departamento de História da UFPB tinha como proposta desenvolver materiais e atividades pedagógicas junto aos alunos da graduação para serem aplicadas a EJA, contribuindo assim para a formação dos discentes, bem como proporcionando-lhes o contato direto com a realidade da sala aula nessa modalidade de ensino. Para os graduandos recém ingressados no universo acadêmico, o projeto surgiu com um caráter desafiador, visto que boa parte não possuía experiência docente. A experiência vivida por estes demonstrou que

* Graduanda em História – UFPB. Bolsista Prolicen, 2012.

Esse processo está ligado também a socialização profissional do professor e ao que muitos autores chamaram de “choque com a realidade”, “choque de transição” ou ainda “choque cultural”, noções que remetem ao confronto inicial com a dureza e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho. (TARDIF, 2007, p.82).

Utilizando métodos lúdicos em uma estrutura pedagógica voltada para alunos de diversas faixas etárias e níveis pessoais de conhecimento, o enfoque do trabalho não era apenas transmitir o conteúdo de Pré-História, mas sim de transmiti-lo de forma objetiva. Tal prática propiciou aos alunos da EJA a reflexão sobre o tempo histórico em uma dimensão mais ampla, deixando para trás a concepção de tempo cronológico. Isto porque a compreensão de fatos que deram início ao processo da evolução humana nos fazem perceber não apenas o desenvolvimento biológico, mas também nos remete a construção da nossa formação cultural, tecnológica, religiosa, entre outros, mantendo assim um diálogo constante entre os fatos do passado com o nosso cotidiano.

As barreiras para execução do projeto foram as mais variadas, desde a falta de conhecimento do nível de aprendizado dos alunos da EJA sobre o assunto, da linguagem adequada para essa modalidade, até a forma com que os livros didáticos abordam o assunto da Pré-História, dificultando o desenvolvimento de um material pedagógico compatível com esse público.

Quando se vê algo sobre a Pré-História é pouco provável que seja atualizado, que traga consigo o pensamento de novos pesquisadores e novas linhas de concepções sobre o tema. O que nos preocupa é como está sendo transmitido esse conhecimento, pois os livros didáticos funcionam como uma ponte entre as instâncias produtoras do conhecimento e o processo pedagógico, sistematizando os saberes escolares. Portanto, cabe ao professor de História dinamizar esse conteúdo, adequando-o a realidade dos alunos da EJA.

No contexto do aprendizado, o livro didático funciona como uma ponte entre as instâncias produtoras do conhecimento e o processo pedagógico, sistematizando os saberes escolares. Nas duas últimas décadas assumiu papel crucial no processo de ensino, fazendo parte do cotidiano escolar de professores e alunos. Esse instrumento é um suporte pedagógico que associa conteúdo e método de ensino. “Juntamente com essas dimensões técnicas e pedagógicas, o livro didático precisa ainda ser entendido como veículo de um sistema de

valores, de ideologias, de uma cultura de determinada época e determinada sociedade.” (BITTENCOURT, 2011, p.302)

Os principais consumidores de livros didáticos são, sem dúvida, professores e alunos. Estes dois públicos divergem na análise do papel desse instrumento escolar. Para uma parcela de professores, o livro didático é considerado um obstáculo ao aprendizado, instrumento de trabalho a ser descartado em sala de aula. Para outros, ele é material fundamental ao qual o curso é totalmente subordinado. Entretanto, a realidade mostra que o livro didático tem sido utilizado pelos professores para a preparação de suas aulas em todos os níveis da escolarização, quer para fazer o planejamento do ano letivo, quer para sistematizar os conteúdos escolares, ou simplesmente como referenciais na elaboração de exercícios ou questionários, independente de seu uso em sala de aula. Já entre os alunos, parte deles considera o livro didático como organizador da “matéria”, garantindo o conteúdo a ser estudado para as provas.

Assim, o livro didático é, sem dúvida, um veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura e está diretamente ligado as práticas escolares vivenciadas ao longo da nossa história educacional. Nessa conjuntura, o espaço escolar está associado intrinsecamente à construção do livro didático considerando que a escola é, fundamentalmente, uma instituição contraditória onde dominação e conflitos convivem no cotidiano de alunos e professores.

Nesse contexto, para o ensino de História na EJA é de extrema relevância o trabalho com eixos temáticos e que os métodos utilizados detenham a atenção dos alunos e assumam o papel de sociabilizar e fixar o conhecimento gerado na sala de aula a partir do seu cotidiano, pois, acostumados com uma aula sistemática e corriqueira, acabam por mostrar um interesse sobre o assunto abordado de forma mais objetiva.

Observando a EJA em sua estrutura funcional e administrativa, os graduandos perceberam a ausência de um profissional para portadores de necessidades especiais, visto que esses alunos precisam de um suporte adequado para uma boa qualidade no seu processo de aprendizagem. É impossível negar que exista essa inclusão de forma desordenada e que se trata de mais um fator que contribui para uma má qualidade no ensino destes. Outro ponto importante refere-se à evasão escolar e a falta e/ou indisponibilidade de recursos didáticos

para as aulas como, por exemplo, equipamentos de multimídia. Muitas vezes a escola possui ferramentas para auxiliar o professor, mas não as tornam acessíveis por motivos diversos, dificultando uma possível renovação no processo de aprendizagem dos alunos. O professor se sente impossibilitado de mudar, sair da rotina do quadro branco, lápis e caderno, devido a problemas emergentes das turmas de EJA.

Partindo dessa configuração, lança-se o seguinte questionamento: como tornar o ensino de História atrativo e instigante para um grupo de pessoas que convivem com as mais variadas situações de vulnerabilidade social? Com o intuito de suprir as lacunas e dificuldades existentes no ensino de História na EJA, e de forma mais específica o conteúdo de Pré-História, o projeto Prolicen voltado para a disciplina em questão, apresentou várias propostas de atividades pedagógicas, dentre elas: oficinas para produção de artefatos e pinturas rupestres com o objetivo de demonstrar como a arte e a cultura estão sempre registradas em nossas ações cotidianas; produção de cordéis e maquetes para materializar a evolução das espécies; fabricações de montículos arqueológicos simbolizando as rotas migratórias dos Sambaquis e como esses povos viviam; quadros e crânios de biscuit que facilitaram a interação exemplificando o processo de evolução biológica dos homínídeos. As metodologias aplicadas pelos discentes do projeto em turmas de EJA foram diagnosticadas por estas como um método fácil de compreensão do conteúdo, visto o estímulo à participação dos alunos no momento da aplicação da atividade, tornando mais concreto à materialização dos acontecimentos e facilitando a assimilação entre passado e presente.

Entendendo o universo dos alunos da EJA, percebemos que há uma carga de experiências e expectativas que se dissolveram diante da aplicação dos trabalhos. Esse momento serviu para uma reelaboração e avaliação da identidade profissional dos alunos da graduação tendo em vista as brechas contidas no ensino de História. Essa saída do aluno da graduação para uma sala de aula para atuar junto a um grupo de pessoas com vários perfis, tem se mostrado positiva não só pela troca de experiências entre ambas as partes, mas também para se entender melhor a realidade dos professores de História que enfrentam, no seu ambiente de trabalho, diversos obstáculos para dar continuidade ao seu plano de aula, e assim possibilitarem o conhecimento e desenvolvimento desses indivíduos.

O que caracteriza essas novas práticas educacionais, segundo um dos objetivos do referido projeto pedagógico, é a possibilidade de transformar o ensino de História na EJA em um novo horizonte de questionamentos e discussões sobre esse universo. É lançar à crítica novas ideias sobre o conceito dessa modalidade de ensino e como é fundamental a interação do aluno da graduação com a realidade imposta. É assumir uma postura ativa diante do desafio de transformar o ensino dessa modalidade da educação brasileira em um ensino de qualidade. Essas mesmas práticas pedagógicas auxiliam na construção de um ensino voltado para uma proposta de mudança social e econômica de pessoas que frequentam a EJA. Tornar esses elementos um canal de inovação no aprendizado, seria elevar também o nível cognitivo dos discentes.

Analisando a experiência

As experiências obtidas ao longo desse Projeto, na verdade não se resumem apenas a um ponto, ao contrário, nos remete a um leque de oportunidades a serem adotadas no ensino de História. E o primeiro deles é a utilização de um termo tão utilizado no campo da publicidade: inovação. De fato, o termo não é novo, porém, não costumamos aplicá-lo no processo de formação dos nossos alunos. Nos cursos de licenciatura, as disciplinas específicas do campo da História estão geralmente voltadas para as contextualizações teóricas e historiográficas, enquanto o discurso sobre as práticas didáticas e pedagógicas estão ao cargo dos departamentos de Educação. Entretanto, se buscamos uma maior qualificação dos nossos alunos, uma parceria entre as áreas faz-se totalmente necessária.

Do mesmo modo, quem vive o cotidiano escolar percebe que velhos paradigmas educacionais, com seus currículos estritamente disciplinares, revelam-se cada vez menos adequados, com reflexos no aprendizado e no próprio convívio, mudanças que a escola nem sempre consegue administrar ou sabe como tratar. Por isso, a transformação de qualidade que se procura promover na formação dos alunos irá conviver com outras modificações, quantitativas e qualitativas, que precisam ser consideradas e compreendidas. É necessária a revisão do projeto pedagógico de muitas escolas que não se renovam há décadas e que foram

criadas em outras circunstâncias para outro público e em um mundo completamente divergente do atual.

No contexto das inovações, e renovações profissionais, o docente necessita acompanhar as mudanças da tecnologia. As novas gerações estão cada vez mais aptas e familiarizadas com o uso de ferramentas tecnológicas, especialmente a internet, que, uma vez trabalhado de forma planejada, poderá trazer aos alunos um universo de conhecimento nunca imaginado há décadas atrás.

A sala de aula deve ser um espaço onde se transmite informações e onde interlocutores constroem sentidos infiltrando tensões, relação teoria e prática, ensino e pesquisa, evidencia dilaceramentos da profissão de professor e embates da relação pedagógica. O desafio na prática de sala de aula é que a educação histórica hoje deve levar os educandos a adquirir a capacidade de analisar, inferir e interpretar acerca da sociedade atual, olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando o conjunto de anseios, frustrações, sonhos e vida cotidiana de cada um no presente e no passado. E isto deve ser pensado não apenas para os alunos de nível escolar, mas também aos alunos da graduação.

Assim, podemos ver o resultado dessa experiência resumido na definição dos próprios alunos da disciplina, que:

A partir desta dinâmica o ensino de História ganha um caráter mais dialógico, produzindo uma consciência social que permite ao indivíduo entender-se quanto construtor e constructo da sociedade, podendo a partir disto compreender as diferenças e semelhanças entre os seres humanos. (REZENDE, A.; SANTOS, F.; BARBOSA, J.; BURITY, L.; FREIRE, P., 2011)

A partir das experiências vivenciadas pelos alunos da graduação, novas perspectivas vão surgindo, trazendo ao aluno o intuito de criar, investigar, criticar e, principalmente, inovar. Acreditamos que, quanto mais cedo o aluno da licenciatura vivenciar as práticas docentes, mais contato ele terá com a realidade escolar, e assim, adquirir uma maior percepção das suas ações frente à escola e os diferentes públicos de alunos.

Referências

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos.

- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Revista de Estudos Avançados* 15 (42). 2001. p. 259-26. Pedagogia da autonomia. 25ª edição. RJ: Paz e Terra. 1996.
- KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTEIRO, Ana Maria. O ensino de História: lugar de fronteira. In: NETO, Jose M.A. (org.) *História: Guerra e Paz – XXIII. Simpósio Nacional de História*. Londrina: ANPUH/Mídia, 2007.
- PAIM, Elison Antonio. Do formar ao fazer-se professor. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. RJ: Manuad X, FAPERJ. 2007.
- PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla. Por uma História prazerosa e consequente. In KARNAL, Leandro (org.). *História na Sala de Aula: conceitos práticos e propostas*. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- REZENDE, Alessandro; SANTOS, Felipe; BARBOSA, Janyne; BURITY, Luiz Mário; FREIRE, Paulo Darlan. *Dinâmica de aprendizagem em História para os alunos do 6º ano de Ensino Fundamental*. Relatório de Atividade Acadêmica, 2011.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SIMÕES, Ana Maria; EITERER, Carmem Lúcia. A didática na EJA: contribuições da epistemologia de Gaston Bachelard. In.: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2005.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes & formação profissional*. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.